

RUA GIL VICENTE

Lei nº 1780 de 26-06-1957, Artigo 1º, Inciso 6
Formada pela rua 22 da Fazenda Taquaral e rua
28 do Jardim Nossa Senhora Auxiliadora

Início na avenida Almeida Garret
Término na avenida Almeida Garret
Parque Taquaral

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de
Campinas Ruy Hellmeister Novaes.

GIL VICENTE

Gil Vicente nasceu em Guimarães, por volta do ano de 1465 e morreu em Évora, Portugal, em 1536. São raros e imprecisos os elementos sobre sua vida, cuja infância teria passado no Norte de Portugal. Surgiu na côrte portuguesa, em 1490, como ourivres, tendo seus trabalhos chamado a atenção da rainha Leonor, que se tornou sua protetora. Com a morte do rei, subiu ao trono D. Manuel, irmão da rainha. Em 1502, para celebrar o nascimento do filho de D. Manuel - o futuro rei D. João III -, compôs o poema "Monólogo de um Vaqueiro", augurando ao príncipe recém-nascido venturas e felicidade. Entusiasmada com o poema, a rainha Maria pediu a Gil Vicente nova representação do Monólogo, na manhã de Natal. Entretanto, Gil Vicente ao invés de repetir a representação, compôs o "Auto Pastoril Castelhana", em espanhol, em virtude da rainha haver chegado há pouco tempo da Espanha, e não estar familiarizada com o idioma português. Contento, pediu-lhe a rainha, outro poema para o Dia de Reis. Escreveu, então, o "Auto dos Reis Magos". Além da parte declamada, tinha esta peça uma parte cantada, constituída por breves canções em estilo medieval. Considera-se que com a apresentação destas peças, foi marcado o nascimento do teatro em Portugal. Seguiram-se dezenas de outras: o "Auto de S. Martinho" (1504), sobre um tema religioso; o "Auto dos Quatro Tempos" (1506); o "Auto da Índia" (1509), farsa onde apresenta um caso de adultério de uma espôsa que tem o marido na Índia; o "Auto da Fé" (1510), celebração do nascimento de Jesús; a "Farsa dos Físicos", sátira aos médicos; o "Auto da Exortação à Guerra" (1513), o da "Barca do Inferno" (1516); que se seguiram "A Barca do Purgatório" e a "Barca da Glória"; e, "Dom Duardos" (1522). Acusado de roubar peças de outros autores, lançou um repto, pedindo que lhe fosse dado um tema. Deram-lhe "Mais Quero Asno que me Leve, que Cavallo que me Derrube" e sobre êle compôs a "Farsa de Inês Pereira" (1523) o melhor de seus trabalhos e considerada a primeira comédia regular do teatro português. A partir de então, passou a cultivar, com mais intensidade a comédia alegórica. Em 1536, compôs seu último trabalho "Floresta de Enganos", do total de 44 peças teatrais. Gil Vicente casou-se duas vezes. A Inquisição impôs proibições a algumas de suas peças, que vigoraram de 1551 a 1562. O auto vicentino é cultivado até hoje, por sua feição popular e nacional.

LEI N.º 1780, DE 26 DE JUNHO DE 1957

Dá nome a diversas ruas da cidade

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas promulgo a seguinte Lei:

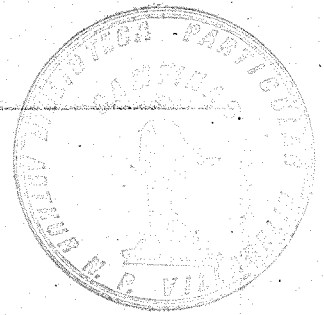
Artigo 1.º — Passam a ter a denominação abaixo as vias públicas seguintes:

- 1 — LATINO COELHO — rua 1 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 14 do mesmo arruamento;
- 2 — FERNÃO LOPES — via pública que abrange a rua 5 do arruamento da Fazenda Taquaral e rua 30 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 14 do primeiro arruamento;
- 3 — FERNÃO DE MAGALHÃES — rua 6 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 14;
- 4 — EGAS MONIZ — rua 16 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 14;
- 5 — JAIME DE SEQUIER — rua 7 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início e término na avenida perimetral;
- 6 — GIL VICENTE — via pública que abrange a rua 28 do Jardim N.S. Auxiliadora e rua 22 do arruamento da Fazenda Taquaral, tendo início na avenida 10 do primeiro loteamento;
- 7 — PADRE ANTONIO VIEIRA — via pública que abrange as ruas 23 e 24 do arruamento da Fazenda Taquaral, e que tem início na rua 12 do mesmo arruamento;
- 8 — ALMEIDA GARRET — via pública que abrange a avenida 10 do Jardim N.S. Auxiliadora e rua 12 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na Rua Carolina Florence;
- 9 — PADRE MANUEL BERNARDES — via pública que abrange a avenida 9 do Jardim N.S. Auxiliadora e a rua 8 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na Avenida Perimetral do último arruamento;
- 10 — MANUEL MARIA BARBOSA DU BOGAGE — rua 21 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 23 e término na rua 5.
- 11 — TEÓFILO BRAGA — rua 14 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na Avenida 1;
- 12 — CAMILO CASTELO BRANCO — rua 13 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início e término na rua 14 do mesmo arruamento;
- 13 — INÊS DE CASTRO — via pública que abrange as ruas 8 e 12 do Jardim N.S. Auxiliadora, tendo início na avenida 4 e término na rua 14;
- 14 — JOÃO DE DEUS — rua 7 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua Baronesa Geraldo de Rezende e término na rua 8;
- 15 — BARTOLOMEU DIAS — rua 15 do Jardim N. S. Auxiliadora, que tem início na avenida 1 e término na rua 12;
- 16 — JÚLIO DINIS — via pública que abrange as avenidas 1 e 3 do Jardim N.S. Auxiliadora, e que tem início na Rua Baronesa Geraldo de Rezende;
- 17 — EÇA DE QUEIROZ — rua 4-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 5-A e término na rua 1-A;
- 18 — FIALHO DE ALMEIDA — rua 5-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 1-A e término na avenida 1 do mesmo arruamento;
- 19 — GUERRA JUNQUEIRA — rua 6-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 1-A e término na rua 4-A;
- 20 — ALEXANDRE HERCULANO — rua 3-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 6-A e término na rua 7-A;
- 21 — PERO VAZ CAMINHA — rua 2-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 6-A e término na rua 7-A;
- 22 — D. MANUEL, O YENTUROSO — rua 7-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 1-A e término na rua 4-A;
- 23 — GASPAS DE LEMOS — rua 9 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 1-A e término na rua 4-A;
- 24 — ANDRÉ GONÇALVES — rua 4 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 3 e término na mesma;
- 25 — GONÇALO COELHO — rua 18 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 7 e término na rua 2;
- 26 — MARTIM AFONSO — avenida A do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na avenida perimetral;
- 27 — PERO LOPES — via pública que abrange a rua 6 do Jardim Campinas e rua do Jardim Bela Vista e que tem início na Rua Vital Brasil;
- 28 — VASCO FERNANDES COUTINHO — rua 1-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 2 e término na rua 10;
- 29 — DUARTE COELHO — rua 1 do loteamento de Rafael Bonavita e outros, a qual tem início na Rua Armando Salles de Oliveira;
- 30 — FRANCISCO PEREIRA COUTINHO — rua 15 do arruamento do Parque Taquaral, com início na Rua Armando Salles de Oliveira (atual estrada p/ Mogi-Mirim) e término na mesma;
- 31 — JORGE DE FIGUEIREDO CORRÊA — rua 14 do arruamento da Fazenda Taquaral, com início na rua 13;
- 32 — PERO DE CAMPOS TOURINHO — rua 20 do arruamento do Parque Taquaral, com início na rua 15 e término na mesma;
- 33 — PERO DE GÓIS — rua 19 do arruamento do Parque Taquaral, com início na Rua Armando Salles de Oliveira e término na rua 15;
- 34 — DIOGO ALVARES — avenida 1 da Vila Nogueira, com início na Rua Armando Salles de Oliveira;
- 35 — TOMÉ DE SOUSA — rua 6 da Vila Nogueira, com início na rua 2 e término na avenida 1;
- 36 — DUARTE DA COSTA — rua 2 da Vila Nogueira, com início e término na rua 5 da mesma vila;
- 37 — MEN DE SÁ — rua 8 da Vila Nogueira, com início na rua 1 e término na rua 2;
- 38 — D. JOÃO VI — rua 7 da Vila Nogueira, com início na rua 2 e término na rua 4;
- 39 — MARQUÊS DE POMBAL — rua 3 da Vila Nogueira, com início na rua 4 e término na rua 7;
- 40 — VASCO DA GAMA — rua 9 da Vila Nogueira, com início na rua 3 e término na rua 5;
- 41 — D. AFONSO HENRIQUES — rua 4 da Vila Nogueira, com início e término na rua 2;
- 42 — D.ª LUISA DE GUSMÃO — rua 1 da Vila Nogueira, com início na Rua Armando Salles de Oliveira;
- 43 — NUNO ALVARES PEREIRA — via pública que abrange as ruas 10 e 5 da Vila Nogueira, e que tem início na confluência da rua 19 com a avenida 1;
- 44 — TOMÁS RIBEIRO — rua 15 da Vila Nogueira, com início na rua 10 e término na rua 1.

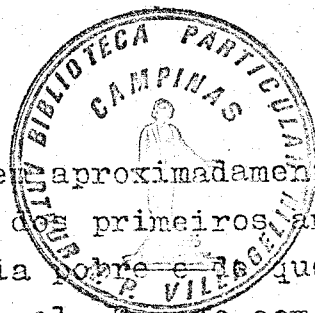
Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 26 de junho de 1957.

Ruy Hellmester Novaes
Prefeito Municipal



GIL VICENTE



Poeta e dramaturgo português. Nasceu aproximadamente em 1465. Morreu em Évora, em 1536. Pouco se conhece dos primeiros anos de sua vida, além do fato de que descendia de família pobre e que passou a infância em alguma aldeia do Norte de Portugal. Famoso como ourives, apresentou-se à côrte de Évora, pela primeira vez, em 1490, atraindo pelas obras de ouriversaria a atenção da Rainha Leonor, que se tornou sua protetora. Morto o rei, sucedeu-lhe D. Manuel, irmão da rainha. Ao celebrar o nascimento do filho de D. Manuel, o futuro João III, em 1502, com um poema intitulado "Monólogo de um Vaqueiro", no qual augurava ao príncipe recém-nascido ventura e felicidade, Gil Vicente revelou as primeiras provas de seu talento literário. Entusiasmada com a obra, a Rainha Maria pediu ao autor que fosse a mesma representada na manhã do Natal, comemorando o nascimento do Redentor. Gil Vicente, em lugar de repetir o mencionado monólogo, compôs o "Auto Pastoral Castelhanos", na língua então preferida no Paço. Ficando a rainha satisfeita, pediu ao autor que para o dia de Reis, lhe fizesse outra obra. Escreveu, pois, Gil Vicente, em 1503, o "Auto dos Reis Magos". Ainda perante sua protetora representou em Caldas, em 1504, um trecho do "Auto de São Martinho" e, em 1505, em Palos da Ribeira, o "Auto dos Quatro Tempos". Em 1509 produziu o "Auto da Índia", em Almada e na capela do Hospital de Todos os Santos, e "Auto da Barca do Purgatório", pertencente à trilogia escrita em português com o título de "Auto da Moralidade", e depois traduzida para o castelhano sob o nome de "Tragicomédia Allegorica del Paraíso y del Infierno". Achava-se em pleno desenvolvimento o teatro português ligado ao gosto e à suntuosidade palaciana. De 1502-36, compôs toda sua obra, exibindo-a diante da côrte em Lisboa, em Évora, Almeirim, Santarém e Coimbra. Escreveu ainda "Exortação de Guerra", apresentada por ocasião da partida da expedição para Azamor, festejou o nascimento de príncipes e infantes, entre os quais D. João, D. Luis e D. Filipe, e os casamentos reais de D. Manuel, D. João III, D. Isabel e D. Beatriz. Sustentado e protegido por D. Leonor, conseguiu atravessar e vencer períodos de temerosas intrigas, exercendo as funções de poeta e ourives. Com a morte da protetora, caiu em desprestígio na côrte de D. João III. Em 1517 deixou o cargo de ourives que ocupava como mestre da balança. Em 1521, compôs "Comédia de Rubena", a qual, juntamente com "Côrtes de Jupiter", do mesmo ano, marcou o início de uma forma teatral, a comédia. Atacado ainda pelos escrupulosos fanáticos da côrte, que o acusavam de roubar as peças de outros autores, levantou o repto escrevendo e representando em 1523 a "Farsa de Inês Pereira", baseado no tema que lhe haviam dado: "Mais quero asno que me leve, que cavalo que me derrube". A obra pode ser considerada a primeira comédia regular do teatro português,



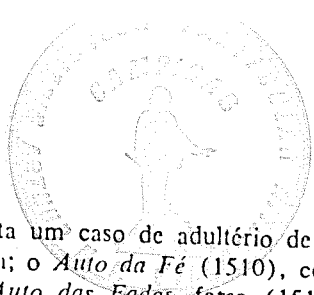
Gil Vicente

Fls. 02

no que se refere a tipos, caracteres e situações. Em 1526 representou as comédias "D. Duardos", "O Templo de Apolo", "A Farsa dos Almocreves" e a "Farsa do Clérigo da Beira". A partir de 1527 completou "A Nau dos Amores", "Divisa da Cidade de Coimbra", "Auto da Serra da Estrêla", "Auto da Feira" e "Floresta de Enganos", escrita em 1536, a última obra que produziu. Revela-se em todos os trabalhos mencionados como um dos grandes gênios da plêiade da Renascença, sem haver renegado a Idade Média. Apesar do domínio exclusivo dos humanistas da Renascença, a obra de Gil Vicente frutificou em uma poderosa escola nacional. O auto vicentino é ainda hoje cultivado, pela feição popular e nacional que apresenta.

(Extraído de fls. 329 e 330, do Volume 20^o, da Enciclopédia Brasileira Mérito, da Editora Mérito S.A., edição de S. Paulo, 1964)

anpv/1983



GIL VICENTE

Gil Vicente nasceu, segundo se crê, em Guimarães, por volta de 1465 e morreu em 1536 ou 1537.

São muito raros e pouco precisos os dados biográficos, dignos de crédito, acêrca dêste poeta lírico e fundador do teatro em Portugal. Sobre certos fatos de sua vida, ainda tão mal conhecidos e, provávelmene, jamais desvendados, pesa uma dúvida que tem desafiado a curiosidade de todos os seus biógrafos — a dúvida de não se saber se o Gil Vicente poeta foi o mesmo Gil Vicente ourives, autor de uma custódia de ouro, artisticamente lavrada, que D. Manuel I ofereceu ao mosteiro de Santa Maria de Belém. Os documentos históricos que se referem ao nome de Gil Vicente e o consideram, umas vêzes poeta, outras mestre da balança da Casa da Moeda, ou simplesmente "trovador e mestre da balança", dividiram os críticos em duas falanges: uma que defende a dualidade do talento em Gil Vicente e outra que admite a existência de dois mestres com nomes iguais. O fato de os documentos da época aludirem simplesmente ao nome, sem fazerem qualquer referência à profissão, leva a crer que Gil Vicente tivesse desempenhado as funções de ourives e poeta, simultâneamente. É uma hipótese aceitável e é a mais difundida pela maioria dos críticos.

A maravilhosa custódia demorou quase três anos a ser feita e ficou pronta em 1506, segundo o testemunho da inscrição gravada na base. Como poeta, ou, mais corretamente, como teatrólogo, a sua atuação teve início em 1502, quando compôs o *Monólogo do Vaqueiro* ou *Auto da Visitação*, e só terminou em 1536, com a última das suas obras, a comédia *Floresta de Enganos*.

O *Monólogo do Vaqueiro* foi recitado pela primeira vez, pelo próprio Gil Vicente, na câmara da rainha D. Maria, segunda esposa de D. Manuel I, homenageando-a pelo nascimento de um filho que dera à luz na véspera. A peça foi composta e recitada em castelhano porque a rainha, terceira filha dos reis católicos, havia chegado há pouco de Espanha e não se tinha familiarizado ainda com o idioma português. Além dêste *Auto*, muitas outras das suas peças teatrais foram escritas em castelhano. Num total de quarenta e quatro, escreveu onze nesse idioma, dezesseis em português e dezessete em ambas as línguas.

Em face do êxito conquistado pelo *Monólogo*, o poeta recebeu a solicitação de escrever um idêntico, para ser representado no Natal, e assim nasceu o *Auto Pastoril Castelhana*, no mesmo ano de 1502. Obteve nôvo sucesso e a rainha pediu-lhe que compusesse uma nova peça para o Dia de Reis — escreveu o *Auto dos Reis Magos*. Além da parte declamada, tanto êste como o *Auto Pastoril* tinham uma parte cantada, constituída por breves cânticos em estilo medieval, conhecidas pelo nome de *vilancetes*.

A representação destas peças marcou, pode dizer-se, o nascimento do teatro em Portugal. Depois delas, seguiram-se outras: o *Auto de S. Martinho* (1504), sobre um tema religioso; o *Auto dos Quatro Tempos* (1506); o *Auto da Índia* (1509), farsa de

costumes, onde se apresenta um caso de adultério de uma esposa que tem o marido na Índia; o *Auto da Fé* (1510), celebração de nascimento de Cristo; o *Auto das Fadas*, farsa (1511); a *Farsa do Escudeiro*, conhecida popularmente pelo título de *Quem Ten Farelos?*, que é o verso inicial do texto, representada no mesmo ano de 1511; a *Farsa dos Físicos*, sátira aos médicos (1512); o *Auto da Exortação à Guerra* (1513); o da *Barca do Inferno* (1516) uma de suas melhores obras, a que se seguiram a *Barca do Purgatório* e a *Barca da Glória* (1518); as *Côrtes de Júpiter*, comédia alegórica (1521); *Dom Duardos* (1522); a *Farsa de Inês Pereira* (1523), talvez o melhor de todos os seus trabalhos e escrito com a intenção de se defender das calúnias de plagiador que vinha sofrendo. Tendo sido acusado de copiar trabalhos de outros autores, Gil Vicente resolveu refutar tais insinuações, pedindo que lhe dessem um tema para uma "farsa de folgar", onde iria mostrar os recursos da sua originalidade. O tema apresentado foi o adágio *mais quero asno que me leve que cavalo que me derrube*, e, sobre êle, escreveu a famosa *Farsa de Inês Pereira*, que se pode considerar, sem favor, a primeira grande comédia da literatura portuguesa.

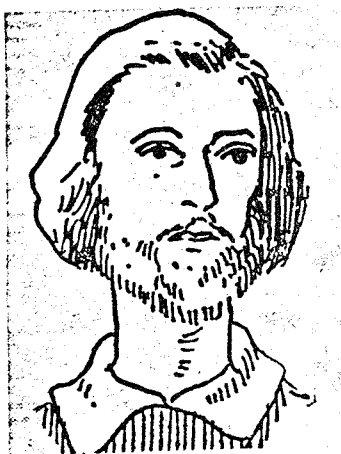
A partir de 1524, Gil Vicente passou a cultivar, com mais assiduidade, a comédia alegórica e escreveu: *Frágua de Amor* (1524); *Farsa do Juiz da Beira* (1525), sátira aos juizes; *Templo de Apolo* (1526); *Nau de Amôres* (1527); *Divisa da Cidade de Coimbra* (idem); *Auto da Feira* (1528) e o *Auto da Lusitânia* (1532), onde está incluído o famoso monólogo "Todo o Mundo e Ninguém".

No Natal de 1534, foi representado em Évora mais um *Auto* de sua autoria, que se chamou *Os Mistérios da Virgem*, conhecido vulgarmente pelo nome de *Auto de Mofina Mendes*.

Gil Vicente foi casado duas vêzes. Do segundo casamento, nasceram Paula Vicente, Luís Vicente e Valéria. A primogênita foi uma incansável divulgadora da obra do pai e conseguiu, graças ao seu esforço, mandar imprimir um livro com as mais importantes obras do eminente poeta clássico português. Luís Vicente também publicou, em 1562, uma *Compilação* das obras de seu pai.

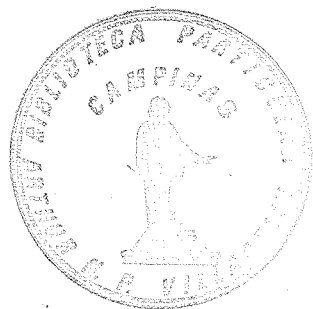
A censura da Inquisição proibiu que fôssem impressas, ou representadas, algumas das peças de Gil Vicente, e essa proibição vigorou de 1551 a 1562. A partir de então, passaram a sair completas as edições das obras do pioneiro da literatura teatral em língua portuguesa.

GIL VICENTE



10-5-1963

1470 — Nasce em Lisboa, Portugal, o poeta, teatrologo e escritor Gil Vicente, fundador do teatro nacional português, falecido em 1536. Compôs durante três decénios obras consideradas clássicas em seu género, escrevendo nos idiomas de sua pátria e da Espanha, mencionando-se, entre elas, as seguintes: "Auto da Alma", "Amadis de Gaula", "Templo de Apolo", "A Visitação" e "Inês Pereira", sua obra-prima. Considerado uma das figuras salientes do humanismo de seu tempo, escreveu a seu respeito Seguíer: — "Espírito superior, pensador profundo, satirista mordaz e caustico, a sua obra teatral é fonte preciosa para o estudo da linguagem, dos costumes e da vida social portuguesa de seu tempo".



RUA GIL VICENTE

Lei nº 1780 de 26-junho-1957, Artigo 1º, Inciso 6

Formada pela Rua 28 do Jardim Nossa Senhora Auxiliadora
e Rua 22 do Parque Taquaral

Início na Avenida Almeida Garret

Término na Avenida Almeida Garret



GIL VICENTE — Poeta dramático, fundador do teatro nacional, um dos mais brilhantes engastados das letras portuguesas, Gil Vicente nasceu em Guimarães, possivelmente em 1470, pois não existe documento que confirme a data de seu nascimento, assim como a da morte, que se sabe não tenha sido em 1536. A sua obra, tão fecunda quanto variada, rica em beleza e espontaneidade, abrange 49 peças teatrais, 18 das quais em português, 11 em espanhol e 10 nas duas línguas. Entre as suas peças destacam-se: «Auto da Alma», «Auto de Molina Mendes», «Barca do Inferno», «Rubena», «Viúvo», «Inês Pereira» (considerada a sua obra-prima), «D. Duardos», «Amor dos de Gaulas», «Templo de Apolo», «Quem Tem Farcos», «Fôrça das Ciganas», etc. Espírito superior e vasto, pensador profundo e concetivoso, satirista mordaz e caustico, a sua obra teatral é fonte preciosa para o estudo da linguagem, dos costumes e da vida social do seu tempo. O realismo foi sempre o seu norte. Disse, sem rodeios, o que via, o que reprovava e pensava. O artifício, a mentira e o circunlóquio repugnavam ao seu espírito franco e afirmativo. Não veio para dizer meias verdades. Ante esta ousadia, os aulicos, os nobres e eclesiásticos, muito deviam temer os apontes morais de Gil Vicente. E não grosseiro? Na aparência, talvez. Este quinzenista ilustre fora pessoa de impecável aprumo moral, tinha a experiência do trato com as pessoas mais distintas da época e não podia ser inconveniente.

anpv/02/83

(Extraído de "Vultos Históricas de Portugal", do Suplemento Histórico do jornal "O Mundo Português" do Rio de Janeiro, datado de 06-abril-1958)